

RELAÇÕES SIMBÓLICO-AFETIVAS NO TERREIRO DE TORÉ DA BOA VISTA: EXPRESSÕES DE UM LUGAR SAGRADO XUKURU DO ORORUBÁ

João Luiz da Silva Vieira¹

Universidade de Pernambuco
Recife, PE, Brasil

Wedmo Teixeira Rosa²

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, PE, Brasil

Enviado em 21 out. 2020 | Aceito em 22 jan., 2023

Resumo: O povo Xukuru do Ororubá, cujo território está localizado nos municípios de Pesqueira e Poção-PE, a 215 km da capital pernambucana, passou por séculos de recriminação de seus rituais, perdurando até os movimentos por retomada das terras, na década de 1990. Após reaverem o território, os/as Xukuru do Ororubá puderam reestabelecer suas práticas sagradas livremente, sem a importunação dos fazendeiros intrusos no território. Com isso, espaços de rituais surgiram ou foram reativados, os Terreiros de Toré. Nesses locais sagrados, os/as frequentadores/as se encontram com os encantados e recebem orientações para sua vida espiritual e cotidiana, que reverberam nas dinâmicas da comunidade. O Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, reativado 2012, vem se tornando notório no fortalecimento da etnicidade e das tradicionais práticas sagradas do povo em questão. Nesse interim, a pesquisa objetiva analisar e compreender as relações simbólico-afetivas entre indígenas e o Terreiro de Toré da Boa Vista. Para tanto, recorreu-se principalmente ao método da história oral, a fim de que os/as próprios/as indígenas narrem suas vivências no lugar, e a observação participante, para melhor compreender as relações entre indígenas e lugar sagrado. O espaço sagrado do Terreiro da Boa Vista enaltece a identidade territorial do povo Xukuru do Ororubá, bem como sua indianidade e relação com os encantados e a Natureza. É um espaço que reflete as dinâmicas territoriais que envolvem os indivíduos que vivenciam aquele lugar e se afirmam a partir deles.

Palavras-chave: Geografia Indígena; Povos Indígenas; Espaço Sagrado; Identidade.

SYMBOLIC-AFFECTIVE RELATIONSHIPS IN THE TERREIRO DE TORÉ DA BOA VISTA: EXPRESSIONS OF A SACRED PLACE XUKURU DO ORORUBÁ

Abstract: The Xukuru of Ororubá people, whose territory is localized in the cities of Pesqueira and Poção-Pe, 215km from the capital of Pernambuco, passed thought centuries of recrimination of their rituals, enduring even the movements of the retaking of lands in the 1990s. After recover the territory, the Xukuru de Ororubá could reestablish their sacred practices freely, without the hassle of intruder farmers in the territory. Thereby, spaces of rituals emerged, or were reactivated, as the Terreiros de Toré. In these sacred spaces, the regulars meet with the enchanted and receive orientations to the daily and spiritual life, which reverberate in the community dynamics. The Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, reactivated in 2012, is becoming notorious in strengthening ethnicity and traditional sacred practices of the people in

1. Mestre em Geografia pela Universidade de Pernambuco. Email: joao.luiz.gnr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9387-4820>.

2. Doutor pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Recife. E-mail: wedmo@recife.ifpe.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0435-9523>

question. In the meantime, the research aims to analyze and understand the symbolic-affective relationships between indigenous people and the Terreiro de Toré da Boa Vista. Therefore, the oral history method was used mainly, in order that the indigenous themselves narrate their experiences in the place, and the participant observation, to better understand the relationships between indigenous people and the sacred place. The sacred space of Terreiro da Boa Vista praises the territorial identity of the Xukuru do Ororubá people, as well as your indianity and relationship between the enchanted and nature. It is a space that reflects the territorial dynamics that involve the individuals who experience that place and affirm themselves from them.

Keywords: Indigenous Geography; Indigenous People; Sacred Space; Identity.

RELACIONES SIMBÓLICO-AFECTIVAS EN EL TORÉ DA BOA VISTA TERREIRO: EXPRESIONES DE UN LUGAR SAGRADO XUKURU DO ORORUBÁ

Resumen: El pueblo Xukuru do Ororubá, cuyo territorio se localiza en los municipios de Pesqueira y Poção-PE, a 215 km de la capital de Pernambuco, pasó por siglos de recriminación de sus rituales, que duraron hasta los movimientos de recuperación de la tierra en la década de 1990. Tras recuperar su territorio, los Xukuru do Ororubá pudieron restablecer sus prácticas sagradas libremente, sin el acoso de los agricultores que se inmiscuían en su territorio. Como resultado, surgieron o se reactivaron espacios rituales, los Terreiros de Toré. En estos lugares sagrados, quienes los frecuentan se encuentran con los encantados y reciben orientaciones para su vida espiritual y cotidiana, que reverberan en la dinámica de la comunidad. El Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, reactivado en 2012, se ha vuelto notorio en el fortalecimiento de la etnicidad y de las prácticas sagradas tradicionales del pueblo en cuestión. Entretanto, la investigación pretende analizar y comprender las relaciones simbólico-afectivas entre los pueblos indígenas y el Terreiro de Toré da Boa Vista. Para ello, recurrimos principalmente al método de la historia oral, para que los propios indígenas narren sus experiencias en el lugar, y a la observación participante, para comprender mejor las relaciones entre los indígenas y el lugar sagrado. El espacio sagrado Terreiro da Boa Vista valoriza la identidad territorial del pueblo Xukuru do Ororubá, así como su indianidad y su relación con los encantados y la Naturaleza. Es un espacio que refleja las dinámicas territoriales que envuelven a los individuos que viven ese lugar y se afirman a partir de ellas.

Palabras-clave: Geografía Indígena; Pueblos Originarios; Espacio Sagrado; Identidad.



Introdução

O Toré é uma expressão religiosa comum entre diversas etnias indígenas habitantes no Nordeste brasileiro. Consiste em uma dança-ritual realizada, geralmente, em espiral e que possui diversos significados, tais como religião, brincadeira, música, entre outros (GRÜNEWALD, 2005).

Para o povo Xukuru do Ororubá, viventes na Serra do Ororubá, localizada no município de Pesqueira-PE e uma pequena parcela do município de Poção-PE, o Toré também é carregado de significados políticos e identitários. Vale salientar, que muitos povos indígenas, e esta etnia é um exemplo, tiveram suas terras invadidas por fazendeiros, que estabeleceram um domínio colonial durante séculos, perdurando ainda em muitos casos no Brasil. Durante o movimento de retomadas de terras do povo em pauta, o Toré foi elemento essencial na conquista dos objetivos, ao representar uma indianidade que foi contestada, criminalizada e invisibilizadas, porém resistiu.

Durante o período de domínio fazendeiro, os/as Xukuru do Ororubá realizavam seus rituais escondidos na mata ou na casa de parentes³. Após a homologação do território em 2001, muitos terreiros surgiram ou foram reativados, como é o caso do Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, reestabelecendo práticas e vínculos entre os/as indígenas e o espaço sagrado, e entre o povo consigo mesmo.

O Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista, ou ainda Terreiro da Boa Vista, fica localizado na Aldeia Couro Dantas, especificamente no Centro de Agricultura Xukuru do Ororubá (CAXO) da Boa Vista, um espaço que preza pela agricultura tradicional, tendo o Terreiro como base filosófica e

³ Parentes aqui não significa necessariamente alguém da família, mas qualquer indígena, quer seja da mesma etnia ou de quaisquer outras.

cosmogônica. Desde 2012, quando foi reativado, vem se tornando referência acerca das práticas sagradas que fortalecem a indianidade do povo Xukuru do Ororubá.

Os Terreiros também são espaços de diálogo entre indígenas e encantados, espíritos dos ancestrais que já se foram. Oliveira (2010, p. 260) afirma que “não só o Toré, mas a criação dos terreiros para dançá-lo representou um momento fundamental no estabelecimento do ordenamento político Xukuru”. Assim, os Terreiros (re)surgem para enaltecer os significados simbólicos, étnicos e culturais que o Toré enaltecia no povo Xukuru do Ororubá.

Nesse contexto, o cerne deste trabalho é analisar e compreender as relações simbólico-afetivas do povo Xukuru do Ororubá no e com o Terreiro da Boa Vista, bem como essas práticas reverberam no contexto socio-político-histórico da etnia.

Materiais e métodos

A abordagem metodológica deste trabalho tem caráter qualitativo, recorrendo-se aos procedimentos metodológicos da observação participante e da história oral, a fim de compreender a temática proposta dentro de seu contexto, e a partir das narrativas e vivências dos/as Xukuru do Ororubá relacionadas com o Terreiro da Boa Vista. A pesquisa bibliográfica também foi importante nesse processo, pois permitiu conhecer e aprofundar as diferentes concepções científicas acerca do objeto de estudo, fazendo-se consultas a livros, teses, dissertações, artigos científicos, etc., contribuindo, dessa forma, para aproximação e aprofundamento teórico-conceitual do tema proposto.

A observação participante foi realizada com pretensão de perceber de maneira mais real possível algumas vivências, atitudes e comportamentos dos/as indígenas no Terreiro da Boa Vista. Para tanto, o pesquisador participou de forma efetiva de vários rituais, reuniões, eventos que ocorreram no Terreiro da Boa Vista e na Aldeia Couro Dantas nos anos de 2017 e 2018.

A intenção inicial foi de descrever tudo que pudesse ser observado e estivesse relacionado de alguma maneira à temática estudada, registrando na caderneta de campo os fatos observados e considerados relevantes, além de se fazer registros fotográficos e gravar pequenos vídeos que pudessem ajudar na descrição aprofundada do fenômeno estudado e contribuir para sua posterior análise e interpretação. Além disso, a observação participante contribuiu para identificar agentes relevantes para esta pesquisa para a realização de entrevistas temáticas com base na história oral.

Neste trabalho, utiliza-se os pressupostos metodológicos da história oral no que diz respeito ao uso das entrevistas, que são definidas aqui, também, como fontes orais. Não se faz confusão, no entanto, entre história oral e entrevista. Tem-se consciência que

Entrevistas são diálogos efetuados para instruir temas ou argumentos nebulosos ou informativos e seu alcance muitas vezes se esgota nisso. História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação na vivência social. Enquanto a entrevista subsidia outros tipos de documentos, no caso da história oral o que se pretende é a centralização das narrativas que se constituem, desde sua concepção, em objeto central das atenções (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 64)

As fontes orais ou histórias orais foram necessárias na pesquisa, para a compreensão das narrativas do povo Xukuru do Ororubá, possibilitando uma maior aproximação com o sujeito, uma intimidade, um convívio que a entrevista mais tradicional e rígida não permitiria.

No entanto, não existe apenas uma maneira de realizar a entrevista por meio da história oral: história de vida e entrevistas temáticas são alguns exemplos (DELGADO, 2006). Nesta pesquisa, uma das técnicas de história oral usada foi esta última.

Nas entrevistas temáticas são pautados os assuntos a serem tratados. Delgado (2006, p. 22) fala que estas “são entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados”. Este método foi usado para alguns dos frequentadores do Terreiro da Boa Vista, considerados agentes relevantes para esta pesquisa, e objetivou informações sobre as práticas deles no lugar, os motivos para participação e os significados do ritual que praticam. Aos colaboradores foram dados nomes fictícios, para preservar suas identidades.

Segundo Delgado (2006), a história oral possui potencialidades que a definem como um importante método nas pesquisas qualitativas, dos quais as recuperações de memórias locais, étnicas, recuperações de acontecimentos e processos históricos e redefinição de cronologias são as que mais se aproximam deste estudo.

Esse procedimento possibilita ao pesquisador adentrar na história de um povo por meio das narrativas dos sujeitos que vivenciaram determinadas situações. Através deste método, pode-se conseguir informações que outros métodos possivelmente não favoreceriam, visto que as relações entre entrevistador e narrador são diferenciadas.

Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas com foco na história dos sujeitos, visto que a história recente do povo Xukuru do Ororubá está intrinsecamente relacionada a história deles. Deste modo, as relações afetivas com o espaço, as formas de mobilização, os movimentos e as conquistas são relatadas pelo próprio povo indígena.

Resultados e discussão

“Eu tava andando na Mata”: as origens e dinâmicas do Terreiro da Boa Vista

O Terreiro da Boa Vista (Figura 1) foi reativado em 20 de outubro de 2012, quando um grupo de pessoas estava procurando um espaço para fazer um roçado e encontraram o local. Tal história é contada por Luciano Xukuru⁴ (02 fev. 2017):

Esse Terreiro surgiu no seguinte... Ele já existia, mas a maioria não tinha conhecimento. A gente foi lá duas, três vezes para fazer um plantio de mandioca. Eu fui o responsável por derrubar a mata para incentivar o pessoal a produzir mandioca. Por que mandioca? Porque é uma cultura tradicional do povo Xukuru. Então fiquei responsável por derrubar a mata e preparar o terreno para os índios plantarem. Aí, um colega falou: “Luciano, temos que pedir permissão ao dono”. A gente achou que ele tava brincando, né? “Vamos pedir permissão ao Pajé? Ele já deixou. Vamos pedir permissão ao Cacique? Ele já deixou”. Aí outro disse: “Não, é dos índios, não precisa pedir a ninguém”. Vai, não vai, vai, não vai. Aí, o irmão de Bela andando por aí disse: “Olha, encontrei um Terreiro ali.” Aí, eu: “É mesmo, ouvi falar que tinha um Terreiro aí em cima. Vamos lá!”. Dia 20 de outubro de 2012 veio o chamado. Chegamos lá, encontramos o Terreiro. Foi quando caiu a ficha. Quando entrei no Terreiro que senti a força foi que me veio a fala do companheiro “tem que pedir ao dono”. Aí a gente fez o trabalho lá, o encantado desceu, disse que a gente ia ser o guardião do Terreiro, que a gente procurasse nosso dom que todo mundo tem e também que a gente a partir dali a gente repensasse a prática da cultura.

O Terreiro da Boa Vista, como espaço físico, é uma clareira larga aberta no meio da mata na Aldeia Couro Dantas. O caminho para o Terreiro é cercado pela Caatinga hipoxerófila da região. Após um portão, segue-se por um trecho estreito na mata até alcançar o Terreiro da Boa Vista. Vale

⁴ Nome fictício. Entrevista realizada em 02 de fev. de 2017. No espaço CAXO da Boa Vista, Pesqueira-PE.

salientar, que devido a Serra do Ororubá se constituir como um brejo de altitude, há a presença de árvores maiores, típicas de outros tipos de vegetação, no perímetro e que sombreiam o Terreiro.

Seguindo após o Terreiro se encontram a Casa de Cura, uma espécie de cabana e a Pedra do Caboclo ou Laje do Caboclo. No centro do Terreiro, o Peji, que funciona como um altar para os devotos, onde são acendidas velas e há uma interação íntima entre encantos e indígenas. Todos estes espaços e a mata que os cercam somam quinze hectares, que foram cercados para impedir a entrada de animais.

Para manter o Terreiro da Boa Vista e haver o Toré no lugar⁵, todos os sábados às 15 horas, cada indivíduo possui uma função, desde a varrição do Terreiro até ser Bacurau ou Bacuroa⁶. Essas funções são bastante relacionadas aos dons que Luciano Xukuru citou na narrativa acima, destacando que cada indivíduo possui uma relação, uma obrigação com a Natureza.

Primeiramente, o Terreiro da Boa Vista deve ser aberto, há uma pessoa específica para abrir o portão. Então, ocorre a varrição do lugar. Conforme as pessoas vão chegando, o Peji é enfeitado. São levadas folhas de palmeiras, flores, mel, confeitos, areia, água e velas. As velas são colocadas pela comunidade em geral, que fazem suas preces aos encantados e dedicam um tempo acendendo a “luz”, como os índios e as índias falam (Figura 2). Segundo Souza (2004, p. 38), “nesses locais sagrados, principalmente nas matas, os Xukuru cumprem suas ‘obrigações’ oferecendo fumo, rapadura e velas, às ‘caboclinhas’ e ‘cabocos’.” Para tal, há cascas de coco penduradas em árvores em torno do espaço do terreiro, para que sejam colocadas as oferendas.

Ao final do Toré, todos são convidados a um lanche, há um grupo que também fica responsável por este momento. Não se pode esquecer da Jurema, uma árvore sagrada para os povos do Nordeste que ocupa lugar de destaque ao lado do Peji. A água de Jurema preta não pode ser feita por qualquer um e é importantíssima durante e após o ritual.

Com o Peji devidamente organizado, inicia-se a purificação do Terreiro, bem como dos que estão sentados em seu perímetro num momento de reencontro e diálogo. O primeiro passo é banhar o Terreiro com ervas. A água das ervas é aspergida no sentido horário, do mesmo modo das filas do Toré. Em seguida, há a purificação por defumação. As ervas coletadas na mata ao redor do Terreiro, como erva-doce, zabelê, amarelinha, entre outras, são queimadas. Segue-se novamente no sentido horário, perfumando o Terreiro e os frequentadores com a fumaça oriunda das ervas.

Uma vez que todos os rituais de preparação são executados, os maracás são balançados, convidando todos a se reunir em círculo à frente do Peji (Figura 3). São rezados um Pai Nosso e uma Ave Maria, logo após são proclamados salves e palmas aos encantados, Pai Tupã, Mãe Tamain, Mestre Rei do Ororubá, ao Cacique, ao Pajé, às matas e águas e às pedras. O Toré inicia-se geralmente com um mesmo ponto:

*Reina, reina, reina
Oina reina reia
Vamos unir as forças do Ororubá
Cabocla de Pena
Ela não bambeia
Eu tava na praia secando areia
Segura esse ponto se não ele arreia*

⁵ Preferiu-se usar o termo lugar em vez de local, considerando, assim, o Terreiro da Boa Vista como um espaço de intimidade e de relações estreitas entre este e os/as indígenas Xukuru do Ororubá.

⁶ Bacurau é o puxador do Toré, aquele que segue à frente da fila cantando os pontos. Seu equivalente feminino é bacuroa, sendo o Terreiro da Boa Vista o primeiro a pôr uma mulher puxando o ritual.

Outra vez são feitos salves e uma salva de palmas às entidades supracitadas. Mais pontos são cantados, reforçando as mobilizações e a identidade do povo Xukuru do Ororubá, em geral, os mesmos pontos são cantados nesse momento. Quando um dos Bacurais pega o jupago⁷, a Bacuroa segue ao seu lado, os participantes do ritual formam uma fila dupla atrás de ambos e os toantes continuam sendo cantados ao balanço dos maracás. Segundo Eduarda Xukuru⁸, “a gente costuma cantar estes pontos que é pra quebrar as forças do inimigo, pro inimigo não nos derrubar e a gente se fortalecer”.

Após aproximadamente uma hora percorrendo o Terreiro, é feito novamente o círculo. Os cantos agora são focados nos encantados, convocando-os para dançar com os/as indígenas. Algumas vezes é traçado um círculo no chão para delimitar os passos da pessoa que incorporou a entidade. A possessão pode ocorrer durante os momentos anteriores também, quer seja pela relação entre sujeito e encanto estar especialmente mais forte ou pela necessidade de um encantado se comunicar com a comunidade. Este momento de evocação dos encantados é chamado de Pajelança.

Cada encantado exige um ritual próprio quando “desce”. Aos encantos das águas, geralmente incorporado por pessoas do sexo feminino, é dada água para molhar os cabelos; às criancinhas, mel e confeitos ou pipoca; outros ainda pedem a Jurema ou cigarros feitos de ervas tradicionais.

Ao final da Pajelança o ritual se encerra. Uma fila única é formada e a Jurema é distribuída em quengas de coco para os participantes do ritual ingerirem enquanto uma música final é cantada. Finda a cerimônia, um lanche é servido, geralmente feito a partir de alimentos da agroecologia local, como bolo de milho. Algumas pessoas vão para casa, outras ficam conversando e esperam os demais. Com quase o Sol se pondo, o Terreiro é fechado.

Durante o ano, ocorrem eventos diferenciados no Terreiro da Boa Vista. No último domingo de janeiro, é feito o Encontro de Sábios/as da Natureza: leitura, interpretação e previsão do tempo. Neste evento os sábios/as, pessoas geralmente idosas, são convidados/as a exporem suas previsões para o ano utilizando técnicas de saberes tradicionais. É um momento de aprendizado para os jovens sobre a ancestralidade Xukuru do Ororubá e a importância dela no cotidiano da comunidade, sobretudo na agricultura. Neste dia ainda, ocorre a apresentação e troca das sementes. Os/as indígenas levam sementes⁹ e as apresentam aos encantados, ao final da fala dos sábios, as pessoas podem compartilhar as sementes, mantendo o compromisso de “devolvê-las” no ano seguinte.

Anualmente, no dia 2 de fevereiro é realizado um Toré em homenagem a lemanjá e as águas. Nesse dia o Peji é ornamentado com a bandeira com a imagem de lemanjá, areia da praia com conchas e água do mar. Os pontos do Toré também são dedicados às entidades das águas. Esse ainda é o dia escolhido para plantar as sementes apresentadas no evento supracitado.

No dia 12 de outubro há uma festa dupla: o dia das crianças e o aniversário do Terreiro da Boa Vista. O evento atrai muitas crianças e são distribuídos brinquedos e lanches. Tornando-se um evento muito importante para aproximar os meninos e as meninas da própria cultura.

No Terreiro da Boa Vista também não é incomum que haja outros eventos culturais, como o samba de coco e apresentações de pífano. Este último ocorrendo, inclusive, no mesmo dia de um Toré realizado com mibim, uma espécie de flauta usada no Toré e que muda a dinâmica deste. O Toré com mibim não é cantado. Os índios e as índias seguem apenas o ritmo do Mestre Gaitero e seu mibim, ocasionalmente é dado um grito coletivo.

⁷ Jupago é um pedaço de pau que é batido no chão para marcar as passadas do Toré, também serviu como arma do povo Xukuru.

⁸ Nome fictício. Entrevista realizada no Terreiro da Boa Vista, na Aldeia Couro Dantas, 21 jan. 2017

⁹ Semente neste contexto não deve ser meramente entendido como o grão, mas sim tudo aquilo que pode gerar vida: mudas, flores, entre outros. As sementes geralmente são recolhidas nos roçados, jardins ou plantações dos próprios indígenas.

O Terreiro da Boa Vista é um espaço marcado pela relação do povo Xukuru do Ororubá com o território, caracterizado pelos geossímbolos e pela interação entre os frequentadores do Terreiro com seu espaço sagrado. Observa-se, ainda, que além de um ambiente de relação com o sagrado, o Terreiro de Toré da Boa Vista é um espaço de convivência e encontro, onde as pessoas conversam e se divertem. É ainda um espaço de relaxamento, um ambiente para recobrar as forças após a rotina semanal de trabalho.

“Nossa mata tem ciência, eu vou mandar chamar”: o Terreiro da Boa Vista como espaço sagrado e de relações simbólico-afetivas e culturais

O Terreiro de Toré da Boa Vista se constitui como um espaço diferencial para aqueles/as que o vivenciam. Relph (1979) tece considerações valiosas sobre o conceito de “mundo-vivido” ou “*life-world*”. Em sua descrição mais ampla, o mundo vivido seria

[...] aquele mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. É um mundo em acentuado contraste com o universo da ciência, com seus padrões e relações cuidadosamente observados e ordenados, e no qual uma rua é um pouco mais do que um espaço vazio entre duas linhas num mapa. (Ibidem, p.3)

Nota-se que o mundo-vivido é um espaço onde ocorre as relações afetuosas do sujeito através de suas lembranças e vivências, onde o indivíduo é pleno e expressa suas crenças e verdades, pois, como aponta Tuan (1980), há uma ligação afetiva entre o indivíduo e seu ambiente. Vale advertir que a ciência hegemonicamente ainda vivia um viés positivista em 1979, razão da crítica presente na segunda frase da citação acima. Contudo, pode-se aproximá-la da realidade do Terreiro de Toré da Boa Vista, que já não é uma clareira aberta na mata, mas sim um espaço único, onde a completude indígena é efetuada, quer seja nas memórias, nos rituais ou nas afirmações identitárias. É um espaço onde os/as indígenas se tornam plenos em sua identidade.

Relph (1979, p. 6), ainda tratando sobre o contexto do mundo-vivido, afirma que “o mundo-vivido social é o da intersubjetividade, linguagem comum, contato com outras pessoas, instrumentos, edifícios e obras de arte, tudo o que não é meramente pré-determinado, mas usado, transformado e manipulado”. Nessa perspectiva o mundo-vivido é um espaço de encontro e de interações, quer seja entre pessoas e o que as cercam, como também das pessoas entre si.

Outra categoria apontada por Relph (1979, p. 7, grifo nosso) é o mundo-vivido geográfico, que seria “[...] o mundo experienciado como cenário, tanto o natural como o construído pelo homem, e como **ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência**”. Dardel (1952 apud RELPH, 1979, p. 7, grifo nosso) vai além e afirma que “é nos lugares onde vive [...], no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o **homem externa sua relação fundamental com a Terra**”. Ambos os textos apontam uma reflexão que se aproxima do discutido sobre os índios e as índias Xukuru do Ororubá. O Toré é um provedor da indianidade e o Terreiro da Boa Vista é um espaço que acolhe o Toré e se torna um lugar de afirmação de uma **existência** indígena Xukuru do Ororubá.

Ao mesmo tempo, foi supracitada a relação entre os/as Xukuru do Ororubá e seu território, bem como com a terra agricultável e a Natureza, e é no Terreiro de Toré que a relação entre os indígenas e a Mãe-Terra ou Mãe Natureza é evidenciada. É nesse espaço qualitativamente diferenciado e repleto de significados que as várias verdades do povo Xukuru do Ororubá são manifestadas.

Entretanto, o Terreiro de Toré da Boa Vista ultrapassa as fronteiras do mundo-vivido, justamente, por ser o abrigo de um fenômeno ritualístico. Este espaço interage com a fé dos frequentadores. É a partir deste ponto que o Terreiro começa a ser estudado como espaço sagrado.

Segundo Eliade (2008), o espaço sagrado é um local onde ocorreu uma hierofania, uma manifestação do sagrado, quer seja em rochas, árvores, animais ou até mesmo pessoas. Para o autor, “[...] o lugar é regularmente indicado por alguma coisa diferente, seja uma hierofania fulgurante, seja pelos princípios cosmológicos que fundamentam a orientação e a geomancia, ou ainda, em forma mais simples, por um “sinal” carregado de uma hierofania, geralmente um animal.” (Ibidem, p. 297)

A hierofania que consagrou o Terreiro da Boa Vista ocorreu por meio da ação de um encantado que se manifestou em uma das pessoas que descobriu o Terreiro. Marcela (28 jan. 2017), sobre esse fato, afirma que “a gente tava caminhando e aí desceu um encanto que mandou a gente tomar de conta daqui [...] Meu pai dizia que aqui tinha um terreiro, aí a gente veio e o encantado indicou que era aqui. Onde vai ser o local, como vai ser, ele é quem vai nos conduzindo”. A ação sagrada do encantado fez-se necessária, uma vez que “o homem, em si, não é capaz de determinar os espaços sagrados” (ELIADE, 2010, p. 31) e “de fato, o lugar nunca é ‘escolhido’ pelo homem; ele é, simplesmente, ‘descoberto’ por ele, ou, por outras palavras, o espaço sagrado **revela-se-lhe** sob uma ou outra forma” (ELIADE, 2008, p. 297, grifos do autor).

Assim, os espaços sagrados são o divino em sua forma materializada e visível às pessoas religiosas para que elas possam vivenciá-los. Entretanto, essa sacralidade também pode ser percebida por outras pessoas, embora sem o mesmo teor histórico e simbólico que há para os frequentadores.

Segundo Eliade (2010, p. 25), “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras”. O espaço possui áreas significativamente diferentes aos olhos das pessoas religiosas. O Terreiro da Boa Vista se qualifica neste contexto como um espaço sacro e de afirmação para índios e índias na Serra do Ororubá. Sobre isso, Rosendahl (2005, p. 199) aponta que “Certamente o território identitário religioso não é apenas ritual e simbólico: é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades.” Assim, pode-se apontar o Terreiro de Toré da Boa Vista como espaço diferenciado em sentidos que transcendem o fenômeno religioso e alcança esfera políticas e sociais.

O ambiente sagrado é especial, principalmente para aqueles e aquelas que o descobriram ou presenciaram sua revelação, pois a descoberta “[...] do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso” (ELIADE, 2010, p. 26). Pode-se evidenciar isto na fala de Luciano Xukuru (02 fev. 2017), ao ser perguntado sobre um evento que o marcou:

O primeiro ritual que nós fizemos no Terreiro, a gente não saiu para fazer um ritual. A gente saiu para descobrir um Terreiro, porque ouvimos falar que lá existia um Terreiro. Quando chegamos lá descobrimos o Terreiro, então eu disse: “Vamos fazer o ritual!”. Isso me tocou muito, porque a gente tava despreparado. Era eu, Marcela, minha esposa, meus filhos, Vera, a filhinha dela, Eduarda, e os meninos de Bela. Então isso me marcou muito.

Nesse contexto, Eliade (2010) ainda fala que o espaço sagrado tem relação com a orientação do mundo, a orientação da vida. O Terreiro é um espaço de compromisso, os índios e índias Xukuru do Ororubá sentem a necessidade de participar do ritual para estabelecer sua indianidade. Além disso, os encantos ocasionalmente “descem” e orientam os praticantes do ritual. Também não é incomum que durante o Toré haja conversas sobre as práticas da comunidade e momentos de reflexões. Marcela aponta o sentido de orientação no Terreiro de Toré da Boa Vista. Para a indígena Xukuru do

Ororubá, “é onde a gente busca força para viver. Todo sábado estou aqui dançando, cantando, louvando nos encantos, a Pai Tupã, para me iluminar e dar forças para continuar” (MARCELA XUKURU, 28 jan. 2017). Assim, observa-se o Terreiro como um espaço que guia o povo Xukuru do Ororubá em suas práticas cotidianas.

O espaço sagrado ainda tem a função de manter uma sacralidade para as próximas gerações, além de permitir a comunhão entre os indivíduos, no caso os/as indígenas Xukuru do Ororubá, com o sagrado, ou seja, o Reino dos Encantados. Sobre a importância dos espaços sagrados, Eliade (2008, p. 296) afirma que:

A hierofania não teve, pois, por único efeito santificar uma determinada fração do espaço profano homogêneo; além disso, assegura para o futuro a perseverança dessa sacralidade. Ai, nesta área, a hierofania repete-se. O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade. Tornando-se essa intuição elementar do lugar, pela hierofania, um “centro” permanente de sacralidade, ela orienta e explica todo um conjunto de sistemas muitas vezes complexos e densos. Mas, por muito variados e diferentemente elaborados que sejam os espaços sagrado, todos eles oferecem um traço comum: há sempre uma área definida que torna possível (sob formas aliás muito variadas) a comunhão na sacralidade.

Na narrativa de Luciano, observa-se ainda que houve um ritual quando o Terreiro foi descoberto para que ele assim o fosse efetivado. Eliade (2010, p.32, grifo do autor) aponta que “na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente **à medida que ele reproduz a obra dos deuses**”. O Toré realizado naquele momento foi importante para a consolidação do espaço de ritual, uma vez que ele efetivou a prática indígena e ainda aproximou o mundo sagrado e divino, do mundo comum, profano.

Portanto, o Terreiro é um ponto de vivência, um espaço de memórias e onde os desejos do povo Xukuru do Ororubá se mostraram realizados. É o “umbigo da Terra, é o centro do mundo” (ELIADE, 2010, p. 38).

Além disso, os símbolos e significados presentes no espaço sagrado são únicas para a comunidade. Naquele lugar há sinais que remontam às memórias do povo Xukuru do Ororubá, sobretudo as mobilizações e conquistas do território indígena. É nessa perspectiva que Rosendahl (1996, p. 34) afirma que

o espaço sagrado possui uma relação íntima com o grupo religioso que o frequenta, [...] porque cada aspecto, cada detalhe desse lugar possui um sentimento que só é inteligível para membros do grupo, pois todas as partes do espaço que ele ocupa correspondem a um certo número de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade.

Neste contexto, o Terreiro da Boa Vista (considerando não só o Terreiro propriamente dito, mas também os geossímbolos) é um espaço único para os que o frequentam, pois cada característica presente ali possui uma ligação com os sujeitos e desperta sentimentos diferentes, remetendo às memórias da década 1990 e períodos anteriores ou ao convívio atual da comunidade em sua liberdade de expressão sociocultural.

Essa comunhão das relações simbólico-culturais pode ser observada nas narrativas dos/das indígenas Xukuru do Ororubá, sobretudo para a continuidade de suas tradições. Francisco¹⁰ diz que o Terreiro da Boa Vista é importante “para fortalecer nossa cultura, nossa identidade e nossa religião”. Eduarda Xukuru (21 jan. 2017), por sua vez, diz que “a importância do Terreiro e do Toré é a

¹⁰ Nome fictício. Entrevista realizada em 28 jan. 2018, no Terreiro da Boa Vista, Pesqueira-PE.

continuidade de nossa luta, jamais pode acabar. Foi muito sangue de guerreiro e guerreira derramado na conquista de nosso território. A gente só tem em louvor a eles cantar nosso ritual e preservar nossos terreiros, nossa cultura, nossa tradição”.

Assim, nota-se que o Terreiro da Boa Vista é um ponto de união do povo Xukuru do Ororubá, não só social, mas também da cultura e das tradições. O Terreiro da Boa Vista, como espaço sagrado, garante aos/às indígenas Xukuru do Ororubá a vivência plena do ser indígena através do sentimento étnico e da ancestralidade.

Inserido no contexto do espaço sagrado se encontra o conceito de lugar sagrado, unindo a afetividade e relação pessoal do sujeito com aquele espaço afetivo ao mesmo tempo que este se constitui como um espaço sacro e de interação entre indivíduo e sagrado. Assim, “o conceito de lugar sagrado identifica-se com o significado cultural do indivíduo ou grupo social religioso. A comunidade religiosa vivencia o lugar a sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças” (ROSENDAHL, 2009, p.6).

Costa (2013, p. 26) corrobora com a autora supracitada ao dizer que

os lugares sagrados exprimem o simbolismo e podem ser definidos pela relação direta entre o indivíduo com sua fé. Vivenciar o seu lugar sagrado é partilhar experiências que se vinculam às formas simbólicas, aos itinerários devocionais, aos nomes, entre outros elementos que sugerem um microcosmo para aquele que o vivencia.

Dessa maneira, o lugar sagrado é imbuído de emoções singulares, compreensíveis apenas ao sujeito ou a comunidade que vive aquela realidade. Isso porque “o lugar sagrado aciona no homem uma variedade de sentimentos, assumindo ideias de grandeza e pertencimento” (COSTA, 2012, p.54). No contexto do Terreiro, como citado, o/a indígena se torna pleno naquele ambiente em que se encontra com o sagrado.

Rosendahl (2005, p. 199) tece relações entre o lugar sagrado e as identidades da comunidade.

[...] a manutenção do lugar sagrado favorece a noção de que a comunidade partilha uma identidade comum, um sentimento de integração e de comunidade religiosa. Certamente, o território identitário religioso não é apenas ritual e simbólico: ele é também o local de práticas ativas e atuais, por intermédio das quais se afirmam e vivem as identidades.

Assim, a lugaridade, como propõe Holzer (2013), exprime essa relação íntima da identidade no Terreiro da Boa Vista. Ali é um ponto no espaço, o Centro do Mundo (ELIADE, 2010), onde o indivíduo se manifesta em sua plenitude étnica e não está neste lugar simplesmente para expressar sua indianidade, mas porque o Terreiro convoca, convida as pessoas a se expressarem ali, pois como afirma Rosa (2014, p. 112):

[...] o espaço sagrado tem grande valor espiritual e sobrenatural, é carregado de significados e histórias, tem uma força que o torna único e qualitativamente diferente de outros espaços, pois é onde o divino se revela, onde o sagrado se manifesta, onde o sentimento e a experiência do homem religioso é mais verdadeira e intensa.

Como se pode notar, a sacralidade no espaço o altera qualitativamente. Rosendahl (1996, p. 64) diz que “para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregado de um valor sagrado”. Oro (1995, p.94) diz que os/as indígenas “além dos locais de culto, via de regra, sacralizam rios, lagos, matas, montanhas, acidentes geográficos, que guardam referência com sua própria história mítica. Por isso mesmo, aqueles pontos de referência sacralizados constituem importantes símbolos de identificação social e religiosa”

Nessa perspectiva, a clareira aberta na mata não é uma simples clareira, ela abriga o sagrado, é um Terreiro de Toré, um espaço que guarda uma hierofania. Possui propriedades e sentidos singulares e de valores especiais para aqueles e aquelas que vivenciam o lugar sagrado e exprimem a lugaridade oriunda dos conflitos travados pelos ancestrais.

“Força Tupã, eu quero é força no ar”: os Terreiros como espaços de luta, proteção e identidade

Os Terreiros funcionam também como espaço de defesa contra espíritos maus, da mesma forma que as muralhas de sociedades originais, tal como conta Eliade (2010). Segundo Lima (2013, p. 197, grifos da autora), os terreiros são abertos na mata porque ali “[...] é potencializado pela presença dos *espíritos, espíritos bons*. É ali que os médiuns realizam a maior parte de seus *trabalhos*¹¹ [...]”. Assim, o Terreiro da Boa Vista é mais que um espaço de orientação, é também um espaço de proteção para os/as indígenas. Lima (2013) diz ainda que a incorporação é um processo que exige muito do corpo, questão também observada em campo, quando as pessoas ficavam cansadas ou com dores após se despedirem dos encantados. O cuidado com o corpo/matéria é tão importante que até mesmo alguns encantados aparecem para orientar os cantos do Toré e evitar “pontos cruzados”.¹²

Segundo Barretto (2008), o Terreiro possui um sentido não só de afirmação étnica, mas também uma sensação de pertencimento e origem. O terreiro então passa a ser imbuído de significados, se torna um elo da manutenção étnica do grupo e de sua cultura, torna-se então um lugar sagrado. Conforme a autora:

O “Terreiro” levantado enquanto localidade sagrada de práticas de rituais é um espaço especificamente étnico indígena, marcado pela sociabilidade, onde laços de parentesco ritual são atualizados historicamente, e percebidos com sentimentos de origem. Nesse espaço, grupos étnicos indígenas mantêm relações marcadas através de uma rede estabelecida entre indivíduos pertencentes a etnias familiares. (Ibidem, p. 4)

Para alguns Xukuru, o Terreiro se equivaleria a uma igreja em seu sentido de templo sagrado. Maria Xukuru (15 fev. 2017) conta que “o terreiro de ritual pra gente é uma igreja. São árvores, com um Peji. Esse espaço onde a gente está fazendo nossos rituais, nossas orações, nossos pedidos para se fortalecer”. Luciano Xukuru (02 fev. 2017) vai mais além, ele evidencia o Terreiro como ligação entre o mundo material e o mundo espiritual:

O Terreiro é como se a gente imaginasse uma igreja. A igreja Xukuru é o terreiro. É um espaço que a gente acredita que em algum tempo atrás, ou em outro plano, os encantados, a espiritualidade Xukuru acontecia lá. [...] O terreiro é o espaço físico que faz a ligação direta com o mundo espiritual, é lá onde se materializa o encantamento. É ali que eu tenho poder, o poder de eu me encontrar, de me conectar, de me equilibrar. [...] Ao estar lá eu sinto: “os encantados estão aqui”.

É importante frisar que esta afirmação do Terreiro se equivaler a uma igreja advém do largo período em que os/as indígenas Xukuru foram negados/as em suas expressões religiosas. A Igreja Católica predominava e impunha a religião cristã ao povo Xukuru, demonizando e/ou menosprezando o Toré. Embora tenha havido esse domínio, atualmente não há conflitos diretos com a Igreja Católica. Um dos padres inclusive faz questão de dançar o Toré ao lado dos/das indígenas durante a festa de

¹¹ Trabalho refere-se ao momento em que os encantados são incorporados pelos médiuns.

¹² Pontos cruzados seria cantar pontos de Toré de encantados diferentes enquanto as pessoas ainda estão incorporando os encantos anteriores, o que causa sérios desgastes ao corpo.

Nossa Senhora das Montanhas, Mãe Tamain para os/as Xukuru do Ororubá, no dia 02 de julho. Entretanto há algumas pessoas que possuem preconceitos com os praticantes do Toré, chegam a dizer que é uma religião negativa ou o atribuem com Catimbó ou Xangô, como conta José¹³:

Toré é uma coisa sagrada. [...] Quem não gosta critica muito. Quando eu estudava o povo criticava muito, ficava tirando onda da minha cara. [...] Tem gente que fala muito, ignora, diz que é xangô, macumba. Mesmo sendo índio. Eu também criticava, porque eu não sabia como era. Aí quando comecei a participar mais pra mim isso se tornou uma coisa sagrada.

O Catimbó e o Xangô também não são religiões “negativas”, mas foram demonizadas pelo processo de colonização como forma de negação identitária e sociocultural dos povos africanos e afro-brasileiros, atos que reverberaram consequências na sociedade atual, vide o preconceito e racismo existentes no Brasil.

O Terreiro da Boa Vista é visto também como um templo do povo Xukuru do Ororubá, um lugar de ligação entre indígenas, encantados e a Natureza Sagrada. Ali é onde os mistérios do mundo cosmológico Xukuru do Ororubá acontecem. O Terreiro enaltece o indivíduo em sua etnia, religião e força para encarar os conflitos que envolvem a realidade deste povo.

Vale enaltecer que a presença dos encantados é a principal característica dos Terreiros em geral. Os/as indígenas Xukuru do Ororubá muitas vezes descrevem o Terreiro como “casa dos encantados”. Como afirmam Almeida e Marin (2012, p.5) “terreiro sem tradição e sem crença não tem poder. É preciso ter a crença na tradição. É no terreiro que existe a força dos Encantados”, evidenciando ainda mais o caráter sagrado do terreiro por meio da crença dos/as frequentadores/as daquele espaço. Quanto a isso, Oliveira (2014) afirma que os Terreiros já surgem como espaços de encontros com os antepassados.

Um dos valores mais notáveis no Terreiro da Boa Vista é a liberdade de se praticar o ritual, que durante o domínio dos fazendeiros era proibido. Maria Xukuru narra sobre este sentimento presente quando adentra o Terreiro da Boa Vista:

Esse espaço onde a gente está fazendo nossos rituais, nossas orações, nossos pedidos para se fortalecer. [...] Aqui a gente sente uma liberdade. Eu me lembro muito de Xicão quando ele dizia: “um dia vocês vão ter liberdade de entrar nessas terras que são de vocês e dançar o ritual de vocês onde vocês quiserem[...]”. (MARIA XUKURU, 15 abr. 2017)

Observa-se, nessa narrativa, que uma das principais características comentados sobre o Toré se materializa no Terreiro da Boa Vista. Se antes o Toré simbolizava a liberdade étnico-territorial do povo, atualmente os Terreiros materializam isso. São os espaços da liberdade de um povo oprimido durante séculos. Como dizem Vieira e Rosa (2017, p. 124), o Terreiro é um “[...] vértice do mundo real com o mundo sagrado das comunidades indígenas, efetivando a afirmação e a perpetuação étnica do povo Xukuru”, ou seja, os Terreiros são as representações espaciais da liberdade social, religiosa e étnica Xukuru do Ororubá.

Liberdade não é o único sentimento que permeia o Terreiro da Boa Vista. Outras características são notáveis nos discursos dos/das indígenas. O Terreiro, inclusive, é tomado como um “imã”, uma força magnética que atrai índios e índias para aquele lugar sagrado a fim de manifestarem sua indianidade, dançarem seu ritual e expressarem sua cultura. Pedro¹⁴ diz que

¹³ Nome fictício. Entrevista realizada no CAXO da Boa Vista, na Aldeia Couro Dantas, em 21 jan. 2017.

¹⁴ Nome fictício. Entrevista realizada no CAXO da Boa Vista, na Aldeia Couro Dantas, em 28 jan. 2017.

“sempre gostava de trabalhar nas matas. Sempre me dei bem com as matas, sabe? Mesmo antes daqui ser um área indígena.” Severino¹⁵ (28 jan. 2018) diz que se sente

muito forte. Eu me fortaleço. Eu posso não está me sentindo bem lá fora, mas quando chego aqui eu fico bem, porque esse é nosso espaço, é onde a gente retorna as energias. Essa força que me chama, que tanto faz ser na minha aldeia como em qualquer outro. Eu não considero só minha aldeia Cimbres, mas considero todo um território: meu, nosso, de todos.

O Terreiro da Boa Vista convoca os/as indígenas para se fortalecerem naquele lugar, recobrar as forças para continuar a vida cotidiana. Além disso, nota-se uma relação entre os Terreiros da área indígena Xukuru do Ororubá e o território, uma articulação que mantém unido e consolidado o Território Indígena Xukuru do Ororubá através da cultura e da religião. Pois como diz Hosana Santos (2009, p. 101), “a criação dos terreiros serviu como espaços para a realização dos rituais, mas também para fortalecer os laços de solidariedade entre os indígenas e como espaço político”. De fato, não é incomum ver pessoas conversando e às vezes instruindo sobre os próximos movimentos da comunidade, reuniões e assembleias, e são justamente essas discussões políticas, que fortalecem o sentimento de identidade territorial. Este diálogo entre a força do ritual e do político fortalece a identidade do povo ao aliar os “objetivos históricos e o sentimento de lealdade às origens” (OLIVEIRA, 1998, *apud* SANTOS, 2009, p. 102).

Esses diferentes significados presentes no Terreiro da Boa Vista são enfatizados pelos/as indígenas. Eduarda Xukuru (21 jan. 2017), por exemplo, aponta que o Terreiro

É a base de tudo. É a base do cuidado que a gente tem com nossas crianças, com nossa casa, com nossos alimentos, com nossa cultura. De tudo aqui a gente aprende um pouquinho: como preservar a natureza; que não chegar e vim de qualquer jeito pra mata, tem que se preparar. A gente tem que aprender que cuidar da Natureza é cuidar de cada árvore que tem ao redor de nosso quintal.

Maria Xukuru contribui ao afirmar que o Terreiro da Boa Vista possui importância para a continuidade da tradição Xukuru do Ororubá, pois o Terreiro é importante para

fortalecer a cultura do povo, fortalecer a identidade do povo. Não existe índio sem Toré. Todo povo tem seus rituais, seu Toré. Isso é do índio, mesmo. Cada cultura, cada povo, tem suas culturas, seus rituais. O da gente é o Toré que foi com ele que conquistamos muitas coisas. A gente costuma dizer que está preparando os guerreirinhos, porque a gente vai fazer nossa viagem e ele ficam para cuidar da cultura e da identidade do povo. (MARIA XUKURU, 15 abr. 2017)

O Terreiro da Boa Vista possui valores que transcendem o sagrado em seu sentido ritualístico e adentram as camadas do cotidiano Xukuru do Ororubá. É ainda uma escola para que os/as indígenas compreendam seu papel em relação a natureza, principalmente as crianças, que desde cedo são incentivadas a vivenciarem o Toré como religião e obrigação do/da indígena com os encantados e a Natureza.

Santos (2009, p. 100) aponta o Terreiro de Pedra d'Água como um espaço onde “são trabalhadas a coesão interna do grupo e a necessidade de união frente às ameaças externas, ou até mesmo às dissensões internas”. Essa característica também é observada no Terreiro da Boa Vista, quando as lideranças discutem os próximos movimentos, reuniões, assembleias, entre outros. “Dessa forma, não só o Toré, mas a criação dos terreiros para dançá-lo representou um momento

¹⁵ Nome fictício. Entrevista realizada no CAXO da Boa Vista, na Aldeia Couro Dantas, Pesqueira-PE.

fundamental no estabelecimento do ordenamento político Xukuru”. Assim, o Terreiro da Boa Vista, em sua sacralidade, é um espaço de debate político, visto que os âmbitos político, social e religioso se encontram no fenômeno do Toré e conseqüentemente em seu espaço sagrado, o Terreiro de Toré.

Como aponta Oliveira (2009b, p. 141), os Terreiros são “espaços rituais utilizados tanto para promover a frequência da execução da dança, quanto para o fortalecimento do projeto político em curso”. Ou seja, os Terreiros surgem como lugares de valorização da identidade étnica do povo Xukuru do Ororubá para a fomentar o conflito territorial e a busca por direitos.

Ainda, segundo a autora, os Terreiros são importantes para a organização política e também são espaços de realização de festividades, algumas delas criadas para afirmar o sentimento de pertencimento étnico:

É nessa perspectiva que a criação dos terreiros representa um momento fundamental no estabelecimento do ordenamento político Xukuru. Os terreiros se estabelecem como o espaço físico de desenvolvimento dessa mobilização. São neles onde os elementos do simbolismo Xukuru são reforçados. Nestes espaços são criadas novas tradições, a exemplo do Dia das Crianças e fortalecidos laços íntimos e coletivos de pertencimento político e étnico. Um espaço de compreensão, não só da dinâmica ritual de um povo, mas principalmente de sua constituição social e política. (OLIVEIRA, 2009a, p. 63-64)

Luciano Xukuru (02 fev. 2017) narra que o Terreiro de Toré é um espaço de poder, um espaço de encontro do mundo espiritual com o mundo físico. Nesse sentido, o Terreiro seria um espaço onde o social, o religioso e o político se encontram. Como diz Oliveira (2009a), longe da segmentação traçada pela academia, estudar esses elementos como uma junção se aproxima muito mais da realidade Xukuru do Ororubá, contribuindo no conhecimento sobre esse povo indígena

Considerações finais

Os Terreiros de Toré são os espaços onde o Toré é mais forte, visto que o contato direto com a natureza e a presença do Peji garantem uma maior aproximação com os encantados. O Terreiro da Boa Vista reativa os sentimentos e as memórias do povo Xukuru do Ororubá, onde o índio e a índia se afirmam como indígenas ao rememorar suas histórias de vida.

Para aqueles/as que o redescobriram e o reativaram, o Terreiro da Boa Vista possui caráter emotivo, enaltecendo os sujeitos como “escolhidos” para aquela função. Para os/as frequentadores/as, estar na casa dos encantados é um momento relaxante que os fortalece étnico e espiritualmente.

No Terreiro estão presentes as múltiplas características do Toré, que encontram ali uma materialização. Estar no Terreiro de Toré da Boa Vista significa não apenas prestar obrigações religiosas, mas também reencontrar parentes de etnia, conversar, receber orientações sobre o cotidiano, sobre a política organizacional do povo e sobre a vida em comunidade.

Referências

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. (2012). *Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil: Xukuru do Ororubá* – PE. Manaus: UEA Edições.
- BARRETTO, Juliana Nicolle Rebelo. (2008). Karuazu: identidades indígenas visíveis. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais...* Porto Seguro: ABA. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2024/juliana%20nicolle%20rebelo.pdf> Acesso em: 11 out. 2018
- CORRÊA, Roberto Lobato. (2014). Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 15-47.
- COSTA, Otávio José Lemos. (2012). A imaginação geográfica e as representações dos lugares sagrados. *Espaço e Cultura*, v. 32, p. 48-60.
- COSTA, Otávio José Lemos. (2013). Os lugares sagrados na perspectiva da Geografia da Religião. *Revista GeoUECE*, v. 2, n. 1, p. 18-28.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (2006). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ELIADE, Mircea. (2010). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- ELIADE, Mircea. (2008). *Tratado de história das religiões*. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. (2005). As múltiplas incertezas do toré. In: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, p. 13-38.
- HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. (2013). *Cidades*, v. 10, n. 17, p. 18-29.
- LIMA, Clarissa de Paula Martins. (2013). *Corpos abertos: sobre enfeites e objetos na vila de Cimbres (T.I. Xukuru do Ororubá)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. (2010) Construindo redes e relações: estratégias políticas no povo indígena Xukuru (PE). *Revista Antropológicas*, v. 12, p. 235-264.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. (2013). *Diga ao povo que avance! Movimento indígena no Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. (2014). *Guerreiros do Ororubá: o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru*. Recife: Editora UFPE.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. (2009a) Os terreiros e o toré: o diálogo entre religião e política no fortalecimento do povo Xukuru do Ororubá (PE). *Cadernos do LEME*, v. 1, n. 1, p. 47-66.
- OLIVEIRA, Kelly Emanuely. (2009b) O espaço do sagrado: os terreiros e o toré como elementos de fortalecimento político no povo Xukuru do Ororubá (PE). In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria (Orgs.). *Cultura, cidadania e violência: VII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 139-153.
- ORO, Ari Pedro. (1995). Geografia e Religião. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n. 20, p. 94-95.
- RELPH, Edward. (1979). As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*. Rio Claro: UNESP, v.4, n. 7, p. 1-25.
- ROSA, Wedmo Teixeira. (2014). *Territorialidade da Igreja Católica e interfaces com a religiosidade popular no recôncavo da Bahia: A Diocese de Amargosa e os Espaços de Crenças na Festa de São Roque em Nazaré*. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ROSENDAHL, Zeny. (2009). A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio e a emoção do sentimento do ser-no-mundo. *Geo Working Papers*, v. 1, p. 5-14.
- ROSENDAHL. (1996). *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC.

- ROSENDAHL. (2005). Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 191-226.
- SANTOS, Hosana Celi Oliveira e. (2009). *Dinâmicas sociais e estratégias territoriais: a organização social Xukuru no processo de retomada*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SOUZA, Liliâne Cunha de. (2004). *“Doença que rezador cura” e “doença que médico cura”*: modelo etiológico a partir de seus especialistas de cura. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- TUAN, Yi-Fu. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL.
- VIEIRA, João Luiz da Silva; ROSA, Wedmo Teixeira. (2017). Terreiro de Toré: espaço sagrado do povo Xukuru de Ororubá In: *Cultura, identidades territoriais e cidadania*: E-Book do V Seminário Espaço, Cultura e Política. 1. ed. Recife: EdUFPE, p. 114-126